

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

CORO INFANTIL DA IGREJA PRESBITERIANA DO RIO DE
JANEIRO: UM MOSAICO DE EXPERIÊNCIAS MUSICAIS

BEATRIZ DE OLIVEIRA BERANGER

RIO DE JANEIRO, 2006

CORO INFANTIL DA IGREJA PRESBITERIANA DO RIO DE
JANEIRO: UM MOSAICO DE EXPERIÊNCIAS MUSICAIS

por

BEATRIZ DE OLIVEIRA BERANGER

Monografia apresentada para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música do Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, sob a orientação do Professor Eduardo Lakschevitz.

Rio de Janeiro, 2007

Dedicatória

A Cleida Gomes Gallindo (*in memoriam*) e à Ondina Brasil, que começaram esse trabalho, por sentirem no coração o chamado de Deus e perceberem a importância de se investir tempo, ensino e amor nas crianças que tinham sob sua responsabilidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, doador de dons e talentos e inspirador de toda música.

Aos meus pais, Cecília e Edson, que sempre me incentivaram a investir nos estudos.

Ao meu marido, Evaldo, pelo amor e suporte constantes e pela colaboração de todas as maneiras possíveis para que eu pudesse atingir meu objetivo neste curso.

A minha igreja, Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro, que abre espaço a todos que queiram trabalhar nos seus projetos, de maneira séria, competente e comprometida.

Aos meus amigos Beatriz Klavin Ferreira e Rodrigo Cardoso Affonso, que, numa conversa informal e despreziosa, me motivaram a cursar a graduação em música na UNIRIO.

Ao Professor Eduardo Lakschevitz, meu orientador, pela paciência e disposição em todas as orientações.

À Professora Mônica Duarte, titular da cadeira de Monografia, pelos ensinamentos e estímulos em todas as aulas.

À Professora Nalva Pereira Caldas, pelo incentivo e ajuda na elaboração do projeto que deu origem a esse trabalho.

À Professora Marília Accorsi Peçanha, pela ajuda nas traduções e revisões.

Ao Reverendo Cid Pereira Caldas, pelas informações e ajuda sobre as práticas musicais na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Aos integrantes do Coro Infantil da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, de todas as épocas, desde sua formação até a presente data, pelas suas lembranças e memórias nos seus tempos de coristas.

Às regentes Cleida (in memoriam), Ondina, Márcia, Cristina Gláucia, Dircilene, Alessandra e Verônica, por construírem essa história.

A todos o meu muito obrigada!

BERANGER, Beatriz de Oliveira. *O coro infantil da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro: um mosaico de experiências musicais*. 2007. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade do Rio de Janeiro.

RESUMO

Essa monografia procura identificar algumas marcas positivas naqueles que participam de um coro infantil – especificamente do coro em questão - a partir da perspectiva de seus ex-integrantes, buscando bases teóricas para algumas conclusões. Tais informações foram obtidas através de revisão bibliográfica sobre o assunto e entrevistas com pessoas que participaram do coral, em épocas e situações diferentes. A pesquisa constatou esses benefícios nos âmbitos cultural, social, educacional e religioso.

Palavras-chave: Coro – Coro infantil – Protestantismo – Presbiterianismo

SUMÁRIO

1. Introdução
 - 1.1 Perguntas norteadoras
 - 1.2 Metodologia
2. O coro
 - 2.1 Coro e coral: definindo os termos
 - 2.2 Lutero, a Reforma e o Coral
3. Coro infantil e suas funções
4. A Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro – IPRJ
 - 4.1 Práticas musicais na IPRJ
5. O coro infantil na IPRJ
 - 5.1 Histórico
 - 5.1.1 O início: os anos 70
 - 5.1.2 A retomada do coro: os anos 80
 - 5.1.3 Dividindo o coro por idade: os anos 90
 - 5.1.4 Entrando no novo século
6. Um mosaico de experiências musicais
 - 6.1 Olhando o mosaico mais de perto
 - 6.2 Experiências musicais particulares a partir de conceitos teóricos
 - 6.2.1 Coro como atividade comprometida com o contexto/ambiente e com o indivíduo
 - 6.2.2 Coro como atividade promotora do desenvolvimento musical
 - 6.2.3 Coro como atividade de socialização, de trabalho em equipe e de disciplina
 - 6.2.4 Coro como atividade de terapia, de apoio em aspectos do desenvolvimento e atividade geradora de emoções
7. Conclusão
8. Bibliografia
9. Anexos
 - 9.1 Entrevistas na íntegra
 - 9.1.1 As perguntas da entrevista
 - 9.1.2 Os entrevistados e suas respostas
 - 9.2 Fotos

1. Introdução

A escolha do tema coro infantil para esse trabalho está relacionado com minha própria experiência e também com as atividades que exerço dentro da comunidade religiosa a qual pertença – a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (IPRJ).

Sou filha de uma pianista e pedagoga infantil, que por sua vez vem de uma família onde a vivência e o desenvolvimento musicais foram priorizados. Por isso, a música fez parte da minha vida, esteve presente durante toda a minha educação formal: meus estudos de piano começaram quando era ainda pequena, por influência e incentivo de minha mãe.

O fato de pertencer a uma família protestante fez com que sempre eu estivesse envolvida nas atividades musicais de minha comunidade, entre elas as relacionadas ao coro infantil e depois, com o passar dos anos, aos coros adultos – mistos ou não, já que normalmente as comunidades da Igreja Presbiteriana possuem tradição musical e prática de coros.

Isso chamou a minha atenção para a realidade de que cantar em um coro infantil deixa marcas positivas na formação da pessoa no decorrer de sua vida, tanto na área musical, como pessoal e sócio-relacional. Essa experiência, então, despertou-me para o trabalho de musicalização de crianças, especialmente através do piano, e a pesquisar o assunto, buscando leituras e cursos afins.

Em janeiro de 2002, passei a freqüentar a IPRJ e logo fui convidada pela regente do coro infantil a atuar como pianista acompanhadora, tanto nos ensaios como nas apresentações. Em 2003, com a mudança da regente para outra cidade, e a convite do ministro de música da igreja, responsável por este departamento, assumi a regência do coro infantil, onde atuo até o presente momento.

Resolvi, face a todos esses aspectos relacionados, desenvolver uma pesquisa investigativa sobre o coro pelo o qual sou responsável: o coro infantil da IPRJ.

1.1 Perguntas norteadoras

Para o desenvolvimento de meu trabalho, baseei-me em algumas perguntas norteadoras, que mantiveram meu foco de pesquisa: primeiro, que marcas ficam na vida de uma pessoa por ela ter participado de um coro quando criança do ponto de vista da musicalização (percepção musical, afinação e ritmo), da interação social e relacional, da criatividade e do desenvolvimento pessoal como um todo? Segundo, qual o impacto que a participação no coro infantil da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (IPRJ) teve na vida de seus ex-integrantes? E por último, quais os dados históricos do coro infantil da IPRJ que são importantes para esta pesquisa?

1.2 Metodologia

A metodologia empregada para o progresso da pesquisa se deu em várias etapas:

Primeira, a delimitação do período a ser estudado, tendo em vista que a IPRJ sempre contou com a existência de coros infantis em vários momentos de sua história, que vem desde 12 de janeiro de 1862 até os dias atuais.

Segunda, o levantamento preliminar da história do Coro infantil da IPRJ a partir de sua retomada, no início dos anos 70 até os dias atuais, utilizando os seguintes métodos:

- entrevistas com regentes, dirigentes e ex-integrantes do coro. Foram selecionados participantes como amostragem significativa pelos critérios de acessibilidade e disponibilidade, já que uma amostragem mais abrangente estaria fora do escopo de uma monografia;
- levantamento pictográfico, recolhendo fotos de vários membros da igreja;

- levantamento documental, através de pesquisa nos boletins dominicais no arquivo do Museu História Viva do Presbiterianismo “Reverendo Amantino Adorno Vassão”;
- levantamento bibliográfico para definição de termos, coros em geral, coros na experiência religiosa protestante, em especial na Igreja Presbiteriana, coros infantis e musicalização infantil.

2. O Coro

Participar da experiência de cantar em um coro envolve o fato de que cada participante, individualmente, deve respeitar determinadas regras, qualquer que seja o estilo de música e a forma de apresentação adotados. Essas regras devem ser entendidas, observadas e cumpridas, ainda que tacitamente, como requisito básico para que a experiência aconteça de maneira satisfatória.

Além do respeito às regras, o aspecto do relacionamento dos integrantes entre si tem efeito direto no resultado musical. Isso é devido ao fato de que a parceria e a cooperação são essenciais da parte de cada um em favor de um objetivo único e comum. Nessa experiência, o coro representa um espaço onde valores, relações sociais, falas e comportamentos são desenvolvidos e todos os envolvidos trabalham em função de um projeto em comum: a música que se canta.

Schafer (1991) considera que “o canto coral é o mais perfeito exemplo de comunismo, jamais conquistado pelo homem” (p.279), justamente por esta capacidade inerente a uma atividade musical que se desenvolve em conjunto.

Numa matéria sobre o coro de crianças da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo - OSESP, o jornal da USP, no especial de música, trouxe o depoimento de um dos seus integrantes, um menino de 11 anos, que dizia sobre seus sentimentos e sensações por fazer parte do coro:

Quando entro nesta sala e começo a cantar parece que o mundo fica tão maior. Fico com vontade de aprender cada vez mais e me

tornar um artista de verdade. É tão bonito ouvir e participar do coral que às vezes parece que estou sonhando. [...] Tenho a certeza de que aqueles que se dedicam à música encontram uma felicidade diferente. Por isso, quero como todo o pessoal do coral, ser um músico profissional. (Moreno, 2001 - Jornal da USP online, especial de música)

Soares (2003) nos diz que:

O canto coral¹, mesmo sendo uma realização musical em conjunto, está diretamente ligado à realização musical de sua unidade básica, o indivíduo [...]. Tanto no aspecto musical quanto no relacionamento do conjunto, os fluxos individuais convergem para a constituição do sentido coletivo da atividade, atuando diretamente nos resultados do grupo. (Soares, 2003:60)

O mesmo autor diz também que [...] “o canto coral se torna um meio eficiente de desenvolver percepções e sensibilidades individuais que caminham em direção ao outro, valorizando a importância das relações humanas”. (Soares, 2003:60)

2.1 Coro e coral: definindo os termos

O termo ‘coro’, do grego *Choros*, pelo latim *Choru*, (Novo Aurélio, 1986:480) tem diversos significados e possui um sentido bastante abrangente. Uma procura na literatura levará o leitor/pesquisador a tais significados. No uso geral, os termos ‘coro’ e ‘coral’ aparecem empregados de maneira intercambiável para designar o agrupamento de pessoas que canta e interpreta músicas de variadas maneiras e diferentes estilos.

O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986) nos traz essa possibilidade de utilizar os dois verbetes, um em substituição ao outro:

coro (ô). [Do gr. *Choros*, pelo lat. *Choru*.] S. m. 2. Mus. Conjunto de cantores, em número mais ou menos considerável, que executam peças em uníssono ou a várias vozes, com

¹ Canto coral como o canto em um coro, do coro, relativo ao coro.

acompanhamento ou sem ele, e do qual é padrão o que é constituído por vozes mistas de soprano, contralto, tenor e baixo; orfeão: *coro sacro*; *coro profano*; *coro polifônico*. (Novo Aurélio, 1986:480)

coral (5). [De *coro* (ô) + -al] Adj. **4**. Mus. Designação de certos grupos corais; madrigal, *coro* (ô): o coral Palestrina. (Novo Aurélio, 1986:476)

Porém, um exame mais acurado dos significados mostra uma distinção entre esses dois termos. O termo ‘coro’ como tradução do inglês *choir* (Yázigi Dictionary, 1973:81), na Enciclopédia Britânica (1964), designa:

Um conjunto de cantores com mais de uma voz em cada parte, formado para o propósito de cantar tanto música sacra como secular, ou ambas, constituindo-se de meninos, mulheres e homens, em grupos homogêneos ou em combinações de meninos e homens, num coro de catedral, ou mulheres e homens, num coro misto do tipo usado em apresentações de ópera e oratório². (Britannica, 1964:672)

Em História da Música Ocidental (Grout & Palisca, 1994) podemos observar o uso do termo ‘coro’ como o conjunto de cantores: “Após a leitura do evangelho, vem o *Credo* iniciado pelo padre [canto solo] [...] e continuado pelo coro a partir de *patrem omnipotentem*”. (p. 53)

Já o termo *chorus*, também traduzido por coro, em português (Yázigi Dictionary, 1973:81), é usado “em música e em drama para designar aqueles que atuam em um grupo em oposição àqueles que atuam isoladamente”.³ (Britannica, 1964:685)

Ainda na Enciclopédia Britânica, o termo *chorus* traz outros significados, como podemos observar:

Em música, a palavra tem muitas aplicações: para o grupo organizado de cantores em ópera, oratório, cantata e música de

² *Choir*, a body of singers with more than one voice to a part, formed for the purpose of singing either sacred or secular music, ou both, and consisting of boys, women and men either in single groups or combining boys and men in a cathedral choir or women and men in a mixed choir of the kind used in performances of opera and oratorio. (Britannica, 1964:672. Tradução nossa)

³ *Chorus*, a term used in music and drama to designate those who perform in a group as opposed to those who perform singly. (Britannica, 1964:685. Tradução nossa)

igreja; para a peça musical cantada por tais grupos; para o refrão de uma canção, cantada por um grupo de cantores, entre versos para voz solo; e, como um termo latino medieval, para o *crwth*⁴ ou para a gaita de fole⁵.

Em Uma Breve História da Música (Bennett, 1986), verificamos o significado de coro como parte de uma peça musical composta para ser cantada pelo conjunto: “Freqüentemente, as cantatas de Bach começam com um coro pesado, prosseguem com recitativos, árias e duetos para os solistas [...]”. (p.39)

Quanto ao termo ‘coral’, encontramos seu significado como “o hino estrófico cantado pela congregação, que em alemão se chama *choral* ou *kirchenlied* - canção de igreja”. (Grout & Palisca, 1994:278)

Essa forma de música possui as seguintes características, segundo a Mirador Internacional:

[...] (texto escrito na) língua alemã ao invés do latim usado no canto gregoriano; melodia no soprano (inicialmente situada no tenor) desenvolvendo-se em valores longos, lentamente escandidos; harmonização a quatro vozes na tonalidade moderna, nota contra nota (que assumiria com Bach a feição de harmonia contrapontada⁶); seccionamento fraseológico, verso por verso, formando cadência; execução silábica; articulação simultânea de todas as vozes; acompanhamento ao órgão. (Mirador Internacional, 1995:2880)

Bennett (1986) também esclarece esse significado para coral: “[Nas suas] obras, além de recitativos, árias e coros, Bach incluiu Corais (hinos alemães), que usou em pontos-chaves para intensificar os momentos mais solenes e comovedores da história”. (p.39)

E ainda, segundo Alaleona (1984), o coral é uma melodia de caráter simétrico e cadenciado:

⁴ O *crwth* é um instrumento de cordas medieval, associado, particularmente, com o País de Gales. *Crwth* é uma palavra galesa. O nome tradicional em inglês, pouco usado hoje, é *crowd* ou *crouth*; ele também é conhecido como *rota* (Novo Aurélio, 1986:1523), e **no Latin, o chorus**. (Britannica, 1964:685)

⁵ *Chorus*, In music the word has several applications: to the organized body of singers in opera, oratorio, cantata and church music; to the composition sung by such bodies; to the refrain of a song, sung by a group of singers, between verses for solo voice; and, as a medieval Latin term, to the *crwth* (q.v.) or to the bagpipe. (Britannica, 1964:685. Tradução nossa)

⁶ Feita usando a técnica de contraponto, ou seja, nota contra nota.

No coral a várias vozes, conserva-se o mesmo caráter quando, confiada ao soprano a melodia principal, as outras vozes acompanham-na nota contra nota, seguindo fielmente, no andamento e na pronúncia das palavras, o ritmo do soprano. (p.81)

Pelo exposto, torna-se claro que em português, as duas palavras podem ser utilizadas, de modo geral, com o mesmo significado. Em outras línguas, a diferença semântica entre elas parece ser mais acentuada e nos meios acadêmicos, tal diferença não pode ser desprezada em trabalhos mais técnicos.

2.2 Lutero, a Reforma e o Coral

Massin (1997) nos diz que o coral é uma “forma de arte musical especificamente alemã” e que o aparecimento dessa forma foi favorecido por dois eventos históricos: a criação da imprensa, que marcou uma etapa fundamental da história da música, possibilitando a impressão e edição de partituras; e o movimento da Reforma Protestante, que fez com que o coral aparecesse “a um tempo como uma forma musical bem definida e como o veículo de uma interioridade – individual e coletiva – completamente nova”. (p.289)

De acordo com Grout & Palisca (1994), a partir do século XI começaram a surgir mudanças significativas na música do ocidente, conferindo-lhe muitas das características que permanecem até hoje. Dentre estas, destacamos que “a polifonia⁷ começou a substituir a monofonia⁸”, embora as primeiras músicas polifônicas⁹ sejam datadas do século IX. É importante ressaltar que a polifonia não é exclusivamente ocidental, “mas foi a nossa música que se especializou nessa técnica, mais do que qualquer outra”. (p.97)

⁷ Peça musical composta com duas ou mais linhas melódicas simultâneas.

⁸ Peça musical com uma linha melódica apenas.

⁹ Música que utiliza a técnica da polifonia, ao ser composta.

No período da Renascença encontra-se uma grande quantidade de músicas compostas para ser cantadas na Igreja, muito conhecidas até hoje, e que são descritas num estilo chamado de “polifonia coral: música contrapontística¹⁰ para um ou mais coros com diversos cantores encarregados de cada parte vocal, cantada sem o acompanhamento de instrumentos”. (Bennett, 1986:24)

Em 1517, Martinho Lutero, frade agostiniano alemão, afixou suas 95 teses na porta da *Schlosskirche*, em *Wittemberg*, Alemanha, originando assim o movimento histórico conhecido por Reforma Protestante.

Segundo Costa (1994), a Reforma, além de ter sido um movimento histórico, foi também um movimento de educação religiosa que rompeu com um padrão doutrinário que existia anteriormente e “estabeleceu uma nova ordem onde o homem descobriu a possibilidade de ser cristão através do próprio exercício do conhecer e do viver”. (Costa, 1994:13)

Pode-se afirmar ainda, segundo Costa (1994), que “o movimento da Reforma foi fruto do exercício pleno da liberdade que optou por rejeitar os valores vigentes”. (p.54) Esses valores eram o conjunto de doutrinas e leis que os leigos deveriam cumprir e que eram determinados por um grupo, o clero, que possuía o conhecimento que permitia a eles a interpretação da Bíblia, fonte da doutrina e das leis cristãs. Esse conhecimento é o elemento de dominação que, por não ser compartilhado, era usado como objeto de poder.

No caso da música, esta precisava voltar a ser expressão do louvor a Deus, dinamizadora da relação do homem com Deus e o instrumento através do qual o ensino doutrinário seria disseminado. Como poderia o povo, sem instrução musical, cantar uma música tão complexa como era, por vezes, a música polifônica? Também o canto gregoriano não era cantado por todos. Como esperar que a doutrina cristã fosse transmitida através de tais obras? A sua forma e o seu estilo precisavam ser transformados. Podemos dizer que a Reforma teve propósitos democráticos e populares, conforme Costa (1994:54)

¹⁰ É a música na qual utilizou-se a técnica de contraponto, onde uma voz se contrapõe à outra, nota contra nota.

Sendo um músico instrumentista, cantor e compositor, Lutero estava ciente da ação exercida pela música sobre o indivíduo e procurou conciliá-la com os princípios da Reforma que pregava, reconhecendo a música como elemento da educação. Ele também deu à música tratamento pedagógico, criando escolas onde havia o ensino de canto, além dos estudos bíblicos e teológicos, e incentivando o canto congregacional. Costa (1994) considera essa ação como sendo um estímulo ao desenvolvimento da capacidade musical dos fiéis de maneira democrática. (p.17)

Lutero incentivou a participação efetiva da congregação nos cantos litúrgicos¹¹, após observar que a música, na igreja, limitava-se a alguns poucos indivíduos que eram separados ou escolhidos para essa função. Ele acreditava na ação pedagógica e ética que poderia ser exercida com a música e através dela, e desejava que toda a congregação participasse de algum modo na música dos serviços religiosos. Assim, possibilitou que cada fiel se expressasse através dos símbolos e ritos próprios do culto. (Grout & Palisca, 1994:278)

Nesse contexto, Lutero instituiu a forma coral¹² (Massin, 1997) com a finalidade de incentivar os fiéis participarem do culto, através do canto congregacional. Essa forma musical, inspirada no *lied*¹³ alemão, veio a se tornar a base do canto luterano que existe até hoje. O próprio Lutero escreveu textos usando melodias de sua autoria e outras, baseadas em canções profanas ou sacras já existentes, que eram conhecidas imediatamente por corais por serem designadas para o canto congregacional. Entre esses, está *Ein feste Burg ist unser Gott*, traduzido literalmente por Uma firme fortaleza é nosso Deus¹⁴, hino muito conhecido e que até hoje pode ser ouvido nos cultos das igrejas cristãs reformadas¹⁵, entre elas, a Igreja Presbiteriana.

¹¹ [Do gr. *leitourgikós*.] Adj. Relativo à liturgia. Liturgia [Do gr. *leitourgía*, ‘função pública’, pelo lat. eclesiástico medieval *liturgia*.] S.f. O culto público e oficial instituído por uma igreja; ritual: a liturgia católica. (Novo Aurélio, 1986:1041)

¹² Vide definição à p. 12 e 13.

¹³ canção

¹⁴ Esse hino é conhecido no meio protestante brasileiro como Castelo Forte; é o hino de nº 155 do NOVO CÂNTICO – hinário presbiteriano. São Paulo, 1991. (N. da A)

¹⁵ Igrejas que se originaram a partir do movimento da Reforma do século XVI. Também são conhecidas como igrejas protestantes. São as igrejas que surgiram dos movimentos luterano, anglicano e calvinista.

A primeira grande coleção de tais melodias foi publicada em 1524 por Lutero e J. Walther, com o nome de *Encheiridion*. (Britannica, 1964:683) Edições sucessivas foram ampliando o repertório até o último hinário supervisionado por Lutero, chamado *Geystlich Lieder*¹⁶, editado em 1545 por Valentin Babst e reunindo corais de vários autores. (Mirador Internacional, 1995:2880) Este é um dos fatos que deu origem à tradição de compor hinos para serem cantados em alemão por toda a congregação ao invés das peças que eram cantadas em latim.

Essa tradição do coral nas igrejas protestantes persiste nos dias atuais e é uma prática comum, principalmente nas igrejas chamadas históricas¹⁷. Segundo dados levantados por Campelo (1999) numa pesquisa de campo feita apenas num grupo de Igrejas Presbiterianas pertencentes ao Sínodo¹⁸ Rio de Janeiro, a presença de coros nessas igrejas é significativa: 97 coros distribuídos em 71 igrejas, sendo 42 mistos, 18 femininos, 5 masculinos, 15 jovens e 17 infantis. (p.52)

O coro participa na liturgia, comunicando a doutrina cristã pela letra das músicas e preparando a congregação para os diversos momentos de culto.

Segundo Silva Sobrinho (1997),

Uma música para ser litúrgica deve refletir extraordinariamente (sic) as experiências coletivas das ações ritualísticas da Igreja e integrar, de forma clara e precisa, todos os elementos envolvidos no serviço diário do cristão. (Silva Sobrinho, 1997:17)

Diz-nos ainda o mesmo autor que:

Considerando o zelo e a preocupação que a Igreja deve ter com seus aspectos doutrinários, essa música litúrgica precisa estar, de certa forma, baseada nas Escrituras Sagradas – a Bíblia – pois elas são para a comunidade cristã o que norteia a sua vida. (Silva Sobrinho, 1997:17)

¹⁶ Canções espirituais.

¹⁷ Igrejas originadas a partir do movimento da Reforma, que, à medida que se espalhavam pelos diversos países, iam adquirindo características próprias e constituíram-se nas igrejas protestantes tradicionais que se espalharam pelo mundo através de um movimento missionário à partir do século XVII e XVIII. Incluem-se aqui, além da igreja presbiteriana, a luterana, a anglicana, a reformada holandesa, a igreja metodista, igrejas batistas e congregacionais, dentre outras.

¹⁸ Designação para uma região administrativa dentro das igrejas presbiterianas.

Gelineau (1968) observa que “nem toda música sacra é litúrgica, mas somente aquela que a Igreja admite de direito e de fato na celebração do seu culto público”. (apud Silva Sobrinho, 1997:17) O mesmo autor também esclarece o que se chama de música sacra, dizendo que esse termo “aplica-se a toda música que, por sua inspiração, por seu objeto e destino ou pelo uso que dela se faz, se refere à fé”. (apud Silva Sobrinho, 1997:16)

3. Coro Infantil e suas funções

Os coros infantis também tomam parte na liturgia, como é o caso do Coro Infantil da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, objeto desse estudo. Nesse caso, além dos objetivos doutrinários, o coro infantil também funciona como um instrumento muito eficiente no processo de musicalização das crianças que dele participam.

Segundo Penna (1990), musicalização é definida como:

O desenvolvimento dos instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo, pois nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado no quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos. (Penna, 1990:22)

Conde (1999) complementa essa definição dizendo que:

[...] musicalizar é desenvolver a capacidade musical que todo ser humano tem [...] é desenvolver noções de ritmo [...] enfim, trabalhar com os parâmetros do som, que são: duração, timbre, altura e intensidade. A duração vai gerar o ritmo; a altura, a melodia; o timbre, a qualidade do som; e a intensidade, as noções de dinâmica. (apud Morelembaum, 1999:34)

Para participar do coro infantil, na maioria das igrejas protestantes, não é importante o grau de conhecimento ou

desenvolvimento musical e nem se leva em conta o maior ou menor grau de facilidade da criança quanto à compreensão do texto musical. Assim, todas as crianças que participam têm a oportunidade de vivenciar na prática um fazer musical dentro de um contexto de convivência e espaço que lhes é familiar – a igreja, e não apenas um número reduzido daquelas que são identificadas como ‘talentosas’ ou com ‘aptidão natural’.

Segundo Campelo (1999) a finalidade do coro, na igreja protestante, é tanto religiosa quanto musical e sua função, dentro da liturgia, é a de “ensinar a igreja a cantar e preparar musicalmente a comunidade para os diversos momentos no culto”.

Observa-se que a formação musical da maioria dos regentes da Igreja Presbiteriana do Brasil e das igrejas protestantes históricas em geral não vem, necessariamente, de um programa acadêmico. A comunidade, em geral, tem os seus regentes saídos do seu contexto local. Estes, na verdade, parecem ser a expressão do modo como se dá o processo de musicalização de seus integrantes na comunidade religiosa. Esses regentes se formaram a partir de práticas inerentes à comunidade. (Campello, 1991:58-59)

Mas, como a experiência do coro infantil, que possui essa finalidade doutrinadora e musicalizadora, acontece na prática? Para respondermos a essa questão, trataremos do estudo do caso do coro infantil da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

4. A Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro

O campo de pesquisa desse trabalho é a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (IPRJ), também conhecida por Catedral Presbiteriana, que foi fundada em 12 de janeiro de 1862. Ela é a igreja-mãe do presbiterianismo brasileiro, pois foi a partir da sua organização que a instituição Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) veio a se desenvolver, até chegar ao que é nos dias de hoje. Segundo Matos (2006), a IPB é “uma federação de igrejas que têm em comum uma história, uma forma de governo, uma teologia, bem como um padrão de culto e de vida

comunitária.” (conforme dados no site da IPB www.ipb.org.br, acesso em 21/11/2006)

Segundo Braga, o presbiterianismo chegou ao Brasil em 1859, via sul dos Estados Unidos, através do missionário Ashbel Green Simonton, e nesse percurso sofreu influências de muitas tendências religiosas correntes na época. (apud Costa, 1994:10) Simonton (1833-1867), o fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil, juntamente com José Manoel da Conceição (1822-1873), o primeiro pastor presbiteriano brasileiro, foram personagens chaves na implantação do presbiterianismo no Brasil. (Matos, 1996, IPB Home page, acesso em 21/11/2006)

Porém, inicialmente a Igreja Presbiteriana foi organizada como instituição na Escócia, por John Knox, e sua designação vem da forma de governo temporal da instituição, que é feita por presbíteros, palavra que vem do grego *presbyteros* (Novo Aurélio, 1986:1387) e quer dizer mais velho, ancião ou bispo. (Costa, 1994:8)

Os presbíteros são de dois tipos: regentes, que integram a parte administrativa, e docentes, que são responsáveis pelo ensino da comunidade; estes últimos são os pastores. Ambos são eleitos democraticamente pelas comunidades locais, através de assembléias convocadas especialmente para esse fim. Essas comunidades são governadas por um conselho de presbíteros, chamado simplesmente de Conselho, e estes oficiais também integram os concílios superiores da igreja, que são os presbitérios, os sínodos e o Supremo Concílio.

A IPRJ conta com uma equipe de pastores na sua direção que é composta por seis pessoas¹⁹: o pastor efetivo, eleito pela igreja, e cinco pastores auxiliares. Os pastores auxiliares foram chamados para trabalhar na igreja através de um convite do pastor efetivo e cada um está encarregado de áreas específicas de trabalho dentro das atividades da igreja. Porém certas áreas do trabalho são comuns a todos os componentes da equipe, como atendimento de pessoas no gabinete pastoral; direção dos serviços de cultos; visitas aos membros, bem como celebração de casamentos e realização de ofícios fúnebres, tanto de

¹⁹ Situação no ano de 2006.

membros da igreja como de pessoas de fora que convidem algum dos pastores para realização desses eventos.

Atualmente, a Igreja Presbiteriana do Brasil tem aproximadamente 3.840 igrejas locais organizadas num sistema federativo e piramidal de concílios, ordenados por regiões administrativas: 228 presbitérios, 55 sínodos. A organização conta com 2.660 pastores, 370.500 membros adultos e 133.000 membros menores e está presente em todos os estados da federação²⁰.

4.1 Práticas musicais da IPRJ

Para a nossa pesquisa, entretanto, merecem atenção as práticas musicais desenvolvidas na IPRJ, especialmente as que envolvem o coro infantil. É interessante observar que, na IPRJ, essas práticas são diversificadas, havendo onze coros no total, entre eles o Coro Infantil, objeto desse estudo.

Dentro dessas práticas musicais, um dos objetivos do trabalho com os coros é desenvolver nos membros da igreja a musicalidade, o gosto pela música e, também, servir como instrumento de musicalização, que é uma tradição da igreja protestante, como já foi dito anteriormente. Estes coros participam ativamente das diversas programações da igreja, sendo a principal delas o culto público, onde através de escalas, os coros se apresentam individualmente, ensinam a congregação a cantar comunitariamente e participam ativamente da liturgia e adoração da Comunidade. Por isso há vários coros: crianças 1 - Coral Pequenos Cantores de Deus (3 a 6 anos), crianças 2 - Coral Perfeito Louvor (7 a 12 anos), jovens - Coral Júlio de Oliveira (18 a 35 anos) e, a partir daí, os adultos trabalham nos coros por grupos de interesse e/ou afinidade (Coros mistos, femininos, masculinos, étnicos, etc...). Percebe-se, atualmente, um hiato na adolescência.

²⁰ Dados obtidos no site da IPB <http://www.ipb.org.br/quem_somos/estatisticas.php3> Acesso em 21/11/2006.

Além dos coros, outros grupos têm também uma função musicalizadora: grupos musicais que acompanham o canto congregacional, bandas jovens e orquestra de câmara. A igreja dispõe de instrumentos musicais que estão à disposição de adolescentes e jovens para o desenvolvimento de seus trabalhos musicais e há, na agenda da igreja, espaço reservado para o ensaio dos mais variados grupos e formações musicais.

A igreja também possui um curso livre de música funcionando em suas dependências, onde são ministradas aulas de musicalização e de várias modalidades de instrumentos. As aulas atendem prioritariamente aos membros da igreja e seus alunos são, na sua maioria, crianças, adolescentes e jovens; mas os cursos também têm no seu quadro de alunos pessoas vindas de fora da comunidade. Esses alunos compõem primariamente o conjunto de câmara que está em formação e que já participa em cultos e programações da igreja. No levantamento feito, percebe-se o investimento da liderança formal da igreja na área da música através, também, da aquisição de repertório, instrumentos e do suporte logístico necessário à prática musical.

Todas as atividades musicais da igreja e todos esses grupos que fazem música dentro da IPRJ estão sujeitos a um departamento chamado de “Ministério do culto, da música, adoração e louvor”, atualmente sob a direção do Rev. Cid Pereira Caldas, pastor auxiliar da igreja, formado em teologia pelo Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro; bacharel em música sacra, formado pelo Seminário Batista do Sul do Brasil; e maestro, formado em regência pela Escola de Música da UFRJ.

Segundo o Rev. Cid, não faz parte da estrutura da IPB a figura do ministro de música, contudo, ao longo dos anos, pela necessidade de otimização e coordenação desta área, há igrejas que têm adotado a figura de um pastor como elemento catalisador nesta área. Na IPRJ, o Conselho resolveu investir na área e buscou um elemento que pudesse supri-la. Durante o processo, surgiu a possibilidade de combinar a formação musical com a pastoral e assim é que hoje o ministro de música é também pastor presbiteriano. É importante ressaltar que, na IPB, o pastor

da igreja é o responsável pela liturgia e, conseqüentemente, também pela música que nela será executada. (depoimento escrito)

As atribuições do Ministro de Música junto a esse departamento são: responder pela música que faz parte da liturgia nos diversos momentos de cultos que ocorrem na IPRJ e nos eventos que são coordenados por ela; coordenar a participação dos diversos grupos musicais nos serviços de culto; analisar a qualidade musical e teológica das músicas que são feitas por esses grupos; autorizar a formação e o funcionamento de novos grupos musicais, tais como coros, bandas, conjuntos e outros; incrementar, atualizar e manter o arquivo de músicas e partituras; fornecer suporte às iniciativas musicais dos outros departamentos, entidades e grupos da igreja; determinar uma escala de participações na igreja dos coros, conjuntos de câmara, grupos musicais, solistas e instrumentistas e coordenar a Escola de Música da igreja.

5. O Coro Infantil da IPRJ

5.1 Histórico

5.1.1 O início: anos 70

O coro infantil da IPRJ começou suas atividades no início da década de 70, criado por Cleida Gomes Galindo, membro da igreja. Contando com a autorização e apoio do pastor efetivo da igreja na época, Rev. Amantino Adorno Vassão, e com o auxílio da Sra. Ondina Brasil, membro da igreja e integrante do Coral Canuto Régis²¹, as crianças com idade entre 8 e 12 anos começaram a se reunir para ensaios, que aconteciam no auditório do Salão Álvaro Reis²², após os trabalhos da

²¹ É o coro mais antigo da igreja, com 85 anos de atividades. O nome Canuto Régis foi adotado como homenagem póstuma ao primeiro regente do coral, membro da igreja, músico e compositor de várias peças interpretadas pelo coro. O CCR apresenta-se todos os domingos no culto do horário das 10h15m.

²² Auditório onde se realizavam atividades associativas e religiosas das diversas entidades e departamentos da igreja, especialmente dos jovens. O seu local inicial foi derrubado devido a problemas estruturais da construção. Atualmente existe uma sala, para a qual foi dado o mesmo nome e aonde se realizam muitas atividades da igreja, entre elas, as atividades do coro infantil.

Escola Bíblica Dominical²³ (EBD). As duas regentes trabalhavam em parceria e nas participações do coro infantil na liturgia do culto, quem assumia a regência era a Sra. Ondina.

Por sugestão do pastor efetivo da igreja, o coro recebeu o nome de Pequenos Cantores de Deus, que persiste até hoje, embora no coro formado por crianças de uma faixa etária mais baixa, de 3 a 6 anos.

A criadora do coral, Sra. Cleida, também dirigia uma das classes de crianças da EBD, justamente a que reunia as crianças que inicialmente formaram o coral. Após o período em que funcionava a EBD, as crianças eram reunidas para um momento de culto, apropriado à idade delas, que acontecia no mesmo período do culto que ocorria no templo, às 10h15m, com os adultos. Os ensaios aconteciam após esse período e terminava simultaneamente ao horário do culto.

Inicialmente, o coro reuniu em torno de 20 crianças, número que cresceu conforme os ensaios se desenvolviam, chegando a atingir a quantidade de 40 integrantes. O coro se apresentava na igreja durante a liturgia do culto matutino, não havendo um domingo estabelecido para essas apresentações, elas aconteciam conforme havia solicitação por parte do pastor. Em datas especiais e comemorativas, como o domingo de páscoa, dia das mães, dia dos pais e natal, e era comum a participação do coro na liturgia do culto com duas ou três músicas. Nessas

²³ A Escola Bíblica Dominical ou Escola Dominical (do inglês *Sunday school*) é uma instituição surgida no País de Gales, em 1875, com o trabalho do jornalista Robert Raikes com as crianças e adolescentes que trabalhavam nas fábricas à época da revolução industrial e gastavam suas poucas horas de ócio com atividades delinquentes. Pensando em tirá-las das ruas, passou a reuni-las aos domingos e, usando a bíblia como livro-texto, ensinou-lhes a ler, a escrever e também deu-lhes princípios de ética e higiene e, por último, religião. As igrejas protestantes, impressionadas com o resultado, começaram uma campanha que culminou na adoção da semana inglesa de trabalho e também no dia de domingo para realizar a EBD. Aqui, além do ensino formal, também se ministrava ensino religioso para homens e mulheres de todas as faixas etárias. Gradualmente a Escola Dominical se tornou uma instituição incorporada ao protestantismo no mundo inteiro, pois fornecia um ambiente propício para o ensino e a doutrinação dos novos convertidos. No Brasil, o médico e missionário Robert Kalley e sua esposa, Sarah, realizaram a primeira Escola Dominical em Petrópolis, em 1855. Através de histórias bíblicas eles ensinavam português, inglês e alemão aos filhos dos colonos estrangeiros que aqui se estabeleceram. Na IPB, bem como nas igrejas protestantes históricas em geral, a EBD constitui-se em um espaço privilegiado onde estas comunidades desenvolvem suas atividades de ensino-aprendizagem e transmitem aos membros as doutrinas e princípios nos quais estão baseadas suas crenças e dogmas. Nesse espaço, existem classes para discussão dos conteúdos propostos, que são divididas por grupos de interesse, no caso dos adultos, e por idade, no caso das crianças. Na IPRJ, a EBD acontece no domingo pela manhã e à tarde, em três etapas: no período de 9h às 10h, as classes de adultos, jovens e adolescentes; e no período de 10h30m às 11h30m, as classes das crianças, do maternal à 6ª série e durante as tardes, um horário alternativo das 17h30 às 18h30. (Almeida, ed. do autor, s.d.)

apresentações, as crianças usavam uma vestimenta apropriada: uma toga azul com gola branca, idealizada e produzida pelas regentes. Também era comum que o coral entrasse no templo em processional com a música “Jesus me ama”, do livro “Cânticos para crianças”.

Não havia acesso fácil a um repertório de músicas que fosse variado e apropriado para as crianças. Normalmente o repertório era baseado no hinário usado pela comunidade para o canto congregacional, como o “Salmos e Hinos” e o “Hinário Evangélico”. Uma exceção era o livro de músicas “Cânticos para Crianças” e a coleção “Cânticos de Salvação”, publicado pela Aliança Pró Evangelização de Crianças (APEC), instituição evangélica voltada para preparação de professores de religião para escolas regulares, professores de EBD e líderes de trabalhos e atividades infantis.

O coro ensaiava músicas para serem cantadas em uníssono, na sua maioria, mas algumas vezes a regente conseguia que um grupo de crianças dentro do coro cantasse uma segunda voz, soando algumas vezes como contralto e outras vezes como uma voz mais aguda, escrita acima da melodia do soprano.

5.1.2 Os anos 80: a retomada do coro

No ano de 1980 o coral teve um período de interrupção das suas atividades, que foram retomadas em 1984, quando assumiu a regência do coro a Sra. Márcia de Carvalho Silva Pinto, recém formada em Licenciatura com habilitação em música pela UNIRIO e convidada pela superintendente da EBD Infância, Sra. Carmen Lúcia Pinho Gomes, decisão apoiada pelo pastor da igreja, Rev. Guilhermino Cunha.

Seu trabalho foi o de reativar o coro, motivando a participação das crianças no culto junto com os pais, formar repertório, incentivar a interação do coro com a igreja, usar novos materiais disponíveis em música, integrar as crianças com outros coros da igreja, entre eles o Coro dos Africanos, e musicalizar através de gestos e ritmos. Ela também formou uma banda rítmica com as crianças, que tocavam instrumentos

nas músicas e que faziam parte das apresentações no templo. A aprendizagem de flauta doce também foi parte das atividades e recursos usados para integrar o repertório do coro. A participação das crianças manteve o mesmo esquema que havia no início: eram agendadas com antecipação e solicitadas pelo pastor da igreja em datas especiais comemorativas: semana da páscoa, dia das mães e dos pais, dia da reforma protestante e natal. A Sra. Márcia contava com o suporte da Srta. Lúcia Leite e tinha como acompanhante ao piano o Sr. João Bastos, ambos auxiliando nos ensaios e apresentações.

Nesse período, o coro passou a ter apresentações regulares, sempre aos segundos domingos de cada mês, no culto das 10h15min.

5.1.3 Os anos 90: dois coros infantis

Em 1991, o coro infantil, chamado Pequenos Cantores de Deus, foi dividido, com a finalidade de se desenvolver um trabalho restringindo mais a faixa etária e, assim, obter-se um resultado musical melhor. A Sra. Márcia ficou com as crianças menores, de 3 a 7 anos, e manteve o nome do grupo. Assumiu a faixa etária de crianças de 8 a 11 anos a Sra. Cristina Gláucia de Lacerda Tinoco, bacharel em música sacra pelo Seminário Batista do Sul, no bairro da Tijuca, e Licenciada em Educação Artística com habilitação em música pela UNIRIO. Esse novo grupo, com as crianças maiores em idade, recebeu o nome de Coral Infantil Perfeito Louvor, sugerido pelos próprios componentes que o integravam, baseados no texto bíblico:

[...] Vocês já não leram a passagem das Escrituras Sagradas que diz: Deus ensinou as crianças e as criancinhas a oferecerem o *perfeito louvor*? (Evangelho Segundo Mateus, capítulo 21, versículo 16. Versão da Bíblia na Linguagem de Hoje)

O objetivo desse novo grupo, tal como o primeiro, era de musicalizar as crianças através do canto coral. A regente entregava as

partituras para as crianças para que elas pudessem acompanhar os movimentos melódicos e, após uma explicação prévia do esquema da música às crianças, elas cantavam. Exercícios de técnica vocal eram valorizados e passados às crianças no início do ensaio, embora, segundo testemunho da regente, ela encontrasse certa resistência do grupo para fazer “aqueles exercícios loucos”. Inicialmente, a regente trabalhava sozinha com o coral nos ensaios e, nas apresentações, era acompanhada pelo Rev. Cid. Mais tarde teve ajuda de duas jovens da igreja que estudavam piano. Também a srta. Cristina foi a primeira a montar um musical de natal com o recurso do *playback*.

Em julho de 1995, com o nascimento do seu primeiro filho e por morar num bairro bastante afastado da igreja, a Sra. Cristina se retirou das atividades de regência do coro, assumindo temporariamente essa função a Srta. Dircilene da Silva Santos, Bacharel em Teologia, responsável pelo departamento de Educação Cristã da Infância da IPRJ.

No segundo semestre de 1995, a convite do Rev. Cid, a Srta. Alessandra Domingues Soares ficou como a regente responsável pelo Perfeito Louvor. Ela era violinista, com seus estudos feitos pela Casa de Cultura Rio, que aplica o Método Suzuki para ensino de instrumento e, na época que recebeu o convite para o coral, cursava a graduação em Licenciatura em Educação Artística – habilitação em Música pela UFRJ.

Ela permaneceu quatro anos à frente do coral, mantendo o esquema de apresentações regulares no culto das 10h15min, sempre aos segundos domingos de cada mês. Mas com ela, a idéia do musical de natal e do uso de *playback* foi fixada, sendo que o primeiro deles, chamado “Brilha em Mim” foi apresentado em dezembro daquele mesmo ano, no segundo domingo de dezembro, no culto das 10h15min. Porém, segundo seu depoimento, o projeto mais marcante foi o musical chamado “A Máquina do tempo”, que foi uma programação especial do coral infantil para o fim de ano, realizado ao ar livre, nas dependências da igreja, com produção de cenário e figurinos de acordo com o tema desse musical.

A Srta. Alessandra continuou com o coro até julho de 1999 e, como uma parte dos componentes do coral estivessem passando à fase adolescente, a proposta dela foi seguir com o grupo de adolescentes,

formando um coral para essa faixa etária – de 13 a 17 anos, que não havia até então na igreja, e deixando a regência do coro Perfeito Louvor.

Durante todo esse período em que o coro se dividiu em dois grupos, ambos dividiam o mesmo espaço para os ensaios – o Salão Álvaro Reis – apenas em horários diferentes: o grupo das crianças menores ensaiava de 9h30min até 10h e o grupo das crianças mais velhas de 11h30min até 12h30min.

5.1.4 Entrando no novo século

Em 1999, durante as férias escolares do mês de julho, numa semana de programação especial para crianças chamada Escola Bíblica de Férias ou EBF, uma das voluntárias, Sra. Verônica Gomes Archanjo de Oliveira Silva, ficou responsável pela parte da música e no último dia formou-se um grande coral. Como o resultado desse evento foi muito positivo, o ministro de música, Rev. Cid, convidou-a para trabalhar com o coro infantil, assumindo o lugar deixado pela Srta. Alessandra.

Com essa responsabilidade, a Sra. Verônica percebeu a necessidade de aprofundar seus estudos na área de música e iniciou o curso de Música Sacra, pelo Seminário Batista do Sul e, em seguida, transferiu-se para o Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro.

Os ensaios, segundo depoimento da Sra. Verônica, procuravam ser descontraídos, de forma que as crianças pudessem se sentir à vontade e aprender com prazer e alegria. Eles continuavam a ser realizados aos domingos, a partir das 11h30min, no Salão Álvaro Reis. O número das crianças aumentou significativamente e, em consequência, realizaram-se três musicais de natal, nos anos de 2000, 2001 e 2002, com as crianças do Perfeito Louvor. As crianças menores do Coral Pequenos Cantores não participavam, pois o musical envolvia músicas com letras muito extensas, mais elaboradas e mais difíceis para essa idade. Em todos os casos as crianças adquiriam um CD com as músicas da cantata para ensaiarem em casa, já que o tempo era escasso.

Com a mudança da Sra. Verônica para outra cidade, o ministro de música convidou a Sra. Beatriz de Oliveira Beranger, autora desse trabalho, para assumir a regência do Coral Perfeito Louvor, onde permanece até hoje.

As atividades do coral permanecem as mesmas, assim como o calendário de apresentações, as datas comemorativas, o musical de natal em dezembro e também o local e horário de ensaio.

6. Um mosaico de experiências musicais

A imagem de um mosaico – mosaico de experiências musicais - veio a partir das entrevistas feitas com vários ex-integrantes do coro infantil, que participaram de suas atividades, em diferentes épocas, ao longo desses trinta anos.

É importante que se diga que o número de entrevistas é pequeno: foram 13 pessoas no total, escolhidas aleatoriamente, conforme a facilidade de acesso por telefone, internet e também pessoalmente, formando uma amostra significativa, mas não pela quantidade e, sim, apenas com um número suficiente para se formar um mosaico.

As entrevistas têm caráter longitudinal, ou seja, são pessoas em épocas diferentes, com regentes e situações também diferentes e isso, além da opinião pessoal, influencia as respostas. A entrevista compõe-se de 13 perguntas e encontra-se anexada no fim desse trabalho.

Por último, partindo da minha própria experiência e observação de que o coro causa impacto no indivíduo que participa dele, fiz um levantamento bibliográfico para embasamento teórico de algumas conclusões.

6.1 Olhando o mosaico mais de perto

Como já foi dito anteriormente, o coro infantil da IPRJ existe há pelo menos 30 anos e, desde então, por várias gerações, todos os que

passaram pelo coro mantém nas suas lembranças e apresenta nas suas vivências as marcas deixadas por essa atividade tão importante.

O coro infantil é uma atividade musical realizada em conjunto, mas que está diretamente ligada à realização musical da sua unidade básica: a criança. (Soares, 2003:60) No caso do coro infantil da IPRJ, essa atividade envolve princípios de educação musical e também doutrinária, comprometida com a criança e seu ambiente de convívio – neste caso, a igreja.

Segundo Soares (2003), numa atividade coral a dinâmica coletiva é essencial por ser uma atividade que se desenvolve em grupo e o relacionamento dos participantes do coral tem implicação direta com os resultados musicais. A atitude individual de cada participante deve ser de sujeição voluntária a um conjunto de regras que devem ser entendidas, observadas e cumpridas como premissa básica para que a atividade aconteça (p.59).

As atividades do coro infantil dizem respeito aos ensaios que conduzem a apresentações. Nesse percurso, o repertório é escolhido, a peça é experimentada e aprendida. Há toda uma preparação voltada para o grupo, que tem o objetivo de atingir a interpretação de uma peça vocal em conjunto: a integração do grupo, exercícios de concentração, de ritmo, de afinação, de dicção, de aprendizagem da letra e melodia, de expressão musical, que são aspectos gerais de uma atividade coral. (Soares, 2003:79) Também se inserem aqui os aspectos de ensino doutrinário, ou seja, qual a mensagem transmitida através do texto que é cantado, aspectos esses que são essenciais dentro da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

A atividade do coro infantil também é uma ótima oportunidade para se “aprender a aprender”. Esse trabalho possibilita que as crianças que nunca tiveram contato com o canto aprendam não somente a cantar, mas a conviver em equipe, a superar obstáculos, a descobrir como funcionam as partes do seu corpo que estão envolvidas no canto. O coral é um ótimo laboratório para se treinar o aprendizado. (Morelembaum, 1999, p.12)

6.2 Experiências musicais particulares a partir de alguns conceitos teóricos

Analisando-se as marcas positivas deixadas pelo coro infantil a partir das respostas dadas pelos ex-integrantes nas entrevistas, vamos perceber que a impressão geral formada pela perspectiva particular de cada um é muito parecida. Por um outro lado, as respostas também têm relação com os diferentes contextos vividos por cada um dos integrantes, não somente na experiência de cantar no coro infantil da IPRJ, mas também com as práticas musicais individuais de cada um fora do contexto do coro.

Os argumentos utilizados pelos entrevistados para justificar a importância da participação no coro infantil são vários, baseados nos quais eles atribuem ao fazer musical do coro diferentes funções.

Mas a questão principal é: essas são apenas impressões pessoais ou elas encontram fundamentação teórica na literatura especializada neste assunto? Sob essa perspectiva, as respostas foram analisadas tomando-se como referência argumentos e justificativas encontradas nos trabalhos de Barreto (1973), Morelembaum (1999) e Soares (2003), que, por sua vez, baseiam-se em muitos dos princípios de educação musical construídos por Koellreuter, Paynter, Orff e outros.

Os entrevistados falam sobre os benefícios do coral utilizando argumentos e justificativas referentes a mais de uma categoria. Conforme as perguntas que compuseram a entrevista, foi possível relacionar pelo menos quatro fatores relacionados como benefícios provindos da participação no coro infantil, a saber: coro como atividade comprometida com o contexto / ambiente e com o indivíduo; coro como atividade promotora do desenvolvimento musical; coro como atividade de socialização, de trabalho em equipe e de disciplina e coro como atividade de terapia, de apoio em aspectos do desenvolvimento e atividade geradora de emoções.

6.2.1 Coro como atividade comprometida com contexto/ambiente e com o indivíduo

Muitos dos depoimentos nas entrevistas nos remetem às idéias de Koellreuter e de outros educadores quando se preocupam e argumentam sobre a educação musical (informal ou não) comprometida com o indivíduo e seu ambiente, enfim educação musical contextualizada. No caso do coro infantil da IPRJ, esse ambiente de convívio/contexto é a igreja.

Soares (2003) destaca essa importância, defendida por Koellreuter em sua concepção de educação musical:

É a partir da compreensão do aspecto funcional da música que Koellreuter elabora toda a sua concepção de educação musical como fundamental e essencial para o desenvolvimento humano [...] pois promove mudanças e transformações no seio da própria sociedade. É o comprometimento da educação musical com o indivíduo e seu ambiente que aproxima [o projeto de coro infantil aqui discutido] das idéias em educação musical de Koellreuter, mesmo reconhecendo que esse pensamento não é inédito, pois outros educadores musicais também se preocupam com a educação musical comprometida com o contexto, como Swanick, Schafer, Paynter e outros. (Soares, 2003:5)

Chevitarese (1996) afirma que:

“Ao iniciarmos um trabalho coral com crianças pequenas, é interessante que o repertório escolhido tenha como base elementos, tanto do ponto de vista musical quanto de texto, que façam parte da experiência dessas crianças, que respondam às suas necessidades, adequado não apenas à idade como também ao ambiente em que vivem.” (Chevitarese, 1996:10-11)

Sob a perspectiva dessas idéias, vemos que em muitas respostas os entrevistados referiram-se a esse comprometimento, ao fato de se sentirem parte do ambiente e importantes nesse contexto por estarem entrosados e serem participantes nas atividades da igreja:

[...] serviu para um maior entrosamento na igreja.

[...] todos os que participavam [das atividades do domingo] de manhã eram automaticamente incluídos no coral...

[O coral] incentiva as crianças a irem à igreja... você acaba levando junto os pais, que adoram ver seu filho cantando

[Cantar no coral] era uma forma de participar da igreja.

[Eu ia] porque gostava de cantar e por ser mais uma atividade dentro da igreja.

Era maneiro cantar na frente da igreja cheia com minha mãe me vendo.

[...] fui estimulado a participar dos cultos, ver a igreja como um local familiar onde se podia colaborar.

[Cantar no coral] fazia parte da programação da igreja para as crianças. [...] Também gostava muito das datas especiais, como Dia das Mães, Natal, Dia dos Pais, porque tínhamos que ensaiar com um objetivo, para cantar no templo naquela comemoração.

É importante participar das atividades de grupo da igreja [entre elas, o coral].

[Cantar no coral] era uma das atividades para as crianças.

[Cantávamos] músicas feitas especialmente pra nós. Era muito legal. Quem me levava eram meus pais, já que os ensaios eram domingo durante o culto da manhã.

Devido a esse comprometimento, as crianças acabam indo espontaneamente participar da atividade ou levados por curiosidade porque outras crianças, os seus amigos, participam ou ainda porque são levados pelos pais, mas sem se sentirem forçados. Numa das perguntas, os entrevistados são colocados diante de alternativas para justificar sua participação no coro: “você ia espontaneamente, era levado por alguém (pais, professora da escola bíblica dominical, diácono, pastor), era forçado a ir ou ia por causa dos seus amigos”:

[Eu] ia aos ensaios espontaneamente, mas quem me levava eram meus pais.

[eu participava porque] a maioria das crianças participava e tinha incentivo dos meus pais

Ia espontaneamente e meus pais também gostavam.

Ia porque todo mundo ia, mas eu gostava.

Não era opcional, participava porque tínhamos que participar.

Não questionava muito isso, participava porque era a hora do coral, mas eu gostava muito.

Não era forçado, meus amigos iam.

Minha mãe me levava e era lá o meu lugar, com meus amigos.

Ia espontaneamente.

Eu gostava e meus amigos também participavam.

Porque eu gostava de cantar e participar do coral.

Eu ia porque todos os que participavam [das atividades] de manhã eram automaticamente incluídos no coral, mas nunca me senti forçada.

Ia espontaneamente, mas influenciado também pelos meus amigos.

6.2.2 Coro como atividade promotora do desenvolvimento musical

Segundo Soares (2003) a atividade do coro, em qualquer ambiente que seja realizada, está relacionada com os ensaios que culminarão numa apresentação, onde existe um trajeto que inclui a escolha do repertório, a aprendizagem e experimentação da peça. O grupo prepara-se com o objetivo de alcançar a interpretação da peça em conjunto e aqui estão envolvidos aspectos, tais como “a integração do grupo, exercícios de concentração, de ritmo, de afinação, de dicção, de aprendizagem da letra e da melodia e de expressão musical” (p.79)

Barreto (1973) nos diz que o canto em conjunto, “independente da satisfação emotiva provocada pela própria música”, contribui para apurar o sentido auditivo, “facultando a utilização apropriada da voz, despertando a sensibilidade” e “aperfeiçoando os conhecimentos musicais.” (p.59) “Os esforços, interesses e iniciativas são conjugados num objetivo comum: a interpretação da obra executada.” (p. 60).

Morelembaum (1999:12) salienta que no coro tem-se uma ótima oportunidade para se “aprender a aprender” e essa atividade possibilita que as pessoas que nunca tiveram contato com o canto aprendam a cantar e a “descobrir como funcionam as partes do seu corpo que envolvem o

canto”, concluindo que o canto coral “é um veículo natural para o desenvolvimento dos vários aspectos da musicalidade.”

No trabalho de Santos (apud Morelembaum, 1999:37), os objetivos de Orff numa atividade de educação musical, como é a atividade do coro, são de favorecer a expressão espontânea da criança por meio da música, jogando com sons, ritmos, pés mãos e palavras; proporcionar vivência musical integrada com palavras, canto, movimento e instrumentos, entre outros. Santos (apud Morelembaum, 1999:38) aponta também os objetivos de Paynter: ampliação da capacidade auditiva, investigação dos fenômenos sonoros, despertamento da sensibilidade e da imaginação auditivas.

Podemos perceber esses conceitos sobre desenvolvimento musical embutidos em várias respostas sobre a importância e benefícios que o coral traz para o indivíduo e ainda se, particularmente, o entrevistado achava ter sido importante participar do coral:

Acho que a grande importância, especialmente para crianças, é o desenvolvimento musical de cada indivíduo.

Participar do coral aguçou ainda mais meu gosto pela música, [é importante] porque, além de desenvolver uma nova habilidade, [a música] é uma forma de expressão muito poderosa.

O coral infantil fez parte dessa minha "formação" me fazendo "apta" para essa área... Não sei se influenciou diretamente a participar, mas certamente teve um papel importante no desenvolvimento musical...

Cara, num entendo nada de música. Mas acho que o coral ensina a gente a cantar. Principalmente porque ensina a ouvir! É ouvindo o piano que você 'pega' sua nota, percebe o acorde como um todo e entende as outras vozes e onde cada um se encaixa... É ouvindo o colega que você timbra a sua voz, tentando fazer com os outros uma única voz..

Acredito que participar de um coral contribui para o desenvolvimento de conceitos e habilidades musicais...

Benefícios de qualidade vocal e de ouvido. Conhecer divisão de vozes e tons, ainda que não sejamos músicos ou cantores, nos dá novo aprendizado para fruir música, depura nosso senso crítico para isso.

Fui estimulado musicalmente, tive aulas de flauta doce como desdobramento da atividade realizada pela regente com as crianças do coral... pude fazer solos na igreja.

Cantar é incursionar por diversas culturas através do repertório. Creio que cantar em coro é um convite a ouvir o outro, perceber e respeitar diferenças e ainda assim, ser capaz de caminhar e criar junto.

Acho que me ajudou a ter algum conhecimento musical, de ritmo, etc. Acho que também despertou um gosto extra pela música... Me fez bem cantar em grupo, aprender a voz do meu naipe e depois ver todo o conjunto funcionar...

A idéia da importância de cada um para a construção de uma obra musical, a junção de timbres diferentes que embeleza o todo.

Para mim foi fundamental, pois aprendi desde bem cedo a cantar, desenvolvi a habilidade de ouvir uma voz e cantar outra e, principalmente, foi a partir daí que comecei a me interessar a estudar música... Com certeza o coral infantil foi o meu grande ponta-pé inicial. [Em minha opinião] todos deveriam participar da experiência que é cantar em um coral, principalmente o infantil, pois quanto mais cedo se aprende a respirar corretamente, a emitir os sons adequadamente, a ouvir e reproduzir sons diferentes, mais fácil se torna cantar.

6.2.3 Coro como atividade de socialização, de trabalho em equipe e de disciplina

Orff (apud Morelembaum, 1999:37) traz a importância desse significado, quando diz que [a atividade musical] propicia a inter-relação dos integrantes na prática musical em grupo, seja na criação ou na interpretação.

Para Soares (2003) o canto coral é um “meio eficiente de desenvolver percepções individuais que caminham em direção ao outro, valorizando a importância das relações humanas” (p.60), e ainda que a “dinâmica coletiva é essencial por ser uma atividade que se desenvolve em grupo”. Diz também que o relacionamento daqueles que participam do coral influencia diretamente nos resultados musicais.

Schafer (1991) considera que o canto coral é o mais perfeito exemplo de comunismo, jamais conquistado pelo homem (p.279) e Soares (2003) complementa a idéia dizendo que isso ocorre pela “capacidade inerente a uma atividade musical que se desenvolve em conjunto.” (p.59).

Koellreuter (apud Soares 2003:59) reforça o “inestimável valor educacional e socializante de tal atividade que leva a um envolvimento de vários indivíduos em função de um projeto em comum.”

Segundo Morelembaum (1999), também podemos dizer que “o canto coral aproxima e facilita a convivência [entre indivíduos]”. (p.28) Ele ainda afirma que “para ser bem sucedida, qualquer estrutura tem que utilizar a equipe” na qual “cada um faz a sua parte [e que esta] vai formar o todo”. Conclui que “quando se trabalha com senso de equipe, cria-se a cultura da responsabilidade coletiva” e, portanto, “o coral pode funcionar como um laboratório onde se desenvolve a essência da idéia do trabalho em equipe.” (p.12)

Ainda vemos, no trabalho de Barreto (1973), a idéia de que o “canto coletivo é definido pela satisfação pessoal dessa atividade e pela educação social” inerente a ela e que é necessário que haja “identidade de propósitos entre quem dirige e os executantes, como a compreensão do trabalho comum e solidário que se lhes pede.” (p.77) Barreto também salienta que no canto coletivo há um poder disciplinador e socializador, onde a solidariedade é imposta no esforço, pois o indivíduo acostuma-se a “fundir suas próprias experiências com as dos seus companheiros, ensinando-lhes a sentir e agir em massa, realizando o trabalho de acordo com o grupo.” (p.140) Esse fato torna o indivíduo “consciente de ser parte de um todo organizado”. (p.141)

Roquete Pinto (apud Barreto, 1973:141) diz que “a massa coral é um símbolo da sociedade moderna em que os interesses humanos se confundem.”

Muitos entrevistados também mencionaram o fator socialização, de trabalho em equipe e a aquisição de disciplina como benefícios provindos de sua participação no coro infantil, segundo suas próprias visões:

[A importância de ter participado do coral foi] se relacionar com outras pessoas

Ajuda na socialização do indivíduo.

Foi fundamental em vários aspectos: [...] trabalhar [...] a convivência em grupo. Como em todo grupo, trabalhamos sem perceber

algumas regras de convivência, ajudando os tímidos e os extrovertidos a serem "um só", sem precisar se esconder (no caso dos primeiros) nem aparecer demais (no caso dos últimos).

[...] o coral ensina disciplina (ensaio, horários), controle (não cantar berrando) e unidade (o som ouvido é do coral e não a minha voz).

Acredito que não há um benefício específico, tecnicamente falando, a não ser estar junto com meus amigos adorando a Deus.

[Foi importante ter participado do coral] pelo espaço para minha socialização junto às outras crianças da Igreja [...] e [pelo] desenvolvimento de espírito de equipe, através da busca de equilíbrio entre os naipes.

[...] o coral é um elemento símbolo do que deveria ser nossa comunhão na igreja: [...] cada um na sua, respeitando o outro, valorizando a importância do outro, em nome do todo, porque a galera [ouvintes] ouve o coral e não um ou outro (a não ser em solos). Aprendemos a trabalhar com pessoas em grupo, como disse acima.

[...] é um meio de aproximar o espaço psicológico entre as pessoas: sentir junto, criar junto, dividir idéias musicais, enfim, partilhar o privado, o mais íntimo. Ao mesmo tempo, através do fazer junto, chegamos a conhecer áreas tão íntimas em nós mesmos... Creio que cantar em coro é um convite a ouvir o outro, perceber e respeitar diferenças e ainda assim, ser capaz de caminhar e criar junto.

[...] ver todo o conjunto funcionar, cada qual com sua particularidade. E tudo isso acho que começou naqueles ensaios, quando ainda era criança. [...] Além disso, o canto coral é capaz de trazer esse sentimento de equipe, de indivíduos que tem um papel, que precisam fazer sua parte bem feita para que o conjunto seja bom... E esses aprendizados são para toda a vida.

Não curti muito cantar no coral... mas uma vez que estava lá com todos os amigos no mesmo barco a gente acabava que se divertia... É importante participar das atividades de grupo da igreja... o coral é especificamente interessante porque a preparação para a apresentação me parece mais viável. [Também] me trouxe disciplina, num estilo meio milico, já que fui expulso algumas vezes do ensaio... Mas, assim como outras atividades parecidas da igreja, ensina conceitos como trabalho em equipe, importância da preparação, etc.

Através dos ensaios, criei laços de amizade que duram até hoje e pude conhecer como é cantar em coro. Além de criar novos laços de amizade, pode ser muito prazeroso. O convívio durante os ensaios também é muito bom.

No coral você desenvolve relacionamentos e a idéia de grupo. Cria-se o hábito do canto coral de ser participante de um todo. Acho importante a noção de grupo, a importância da voz de cada participante para dar o som do coral. Todos contribuem para o grupo.

Aprendemos a ter disciplina, horário, responsabilidade e trabalhar em equipe, ajudando e sendo ajudados mutuamente. Desenvolve relacionamentos e o trabalho em equipe.

6.2.4 Coro como atividade de terapia, de apoio em aspectos do desenvolvimento e atividade geradora de emoções

Koellreuter defende que a música tem um aspecto funcional – como, por exemplo, a formação da personalidade dos jovens - e não apenas como meio para a fruição da arte. Soares (2003), numa citação contundente de Koellreuter em seu trabalho, nos traz o seguinte o seguinte:

A música é, em primeiro lugar, uma contribuição para o alargamento da consciência e para a modificação do homem e da sociedade. Entendo aqui como consciência a capacidade do homem de apreender os sistemas de relações que atuam sobre ele, que o influenciam e o determinam: as relações entre um dado objeto ou processo e o homem, o meio-ambiente e o eu que o apreende. As teses que se formaram de se desenvolveram no século 19 e na primeira metade do século 20, de uma estética musical metafísico-idealista, de caráter “imprevenido” (sic), “desinteressado” da experiência estética (...) perdem seu sentido. A experiência estética é incorporada ao âmbito daquelas [teses], das quais provém a atividade social dos homens. Com isso, também, a tese da educação musical, não como meio para a fruição da arte, mas como meio para a formação da personalidade dos jovens, ganha seu fundamento e justificativa. Em cada fase de nossa cultura, a arte – e, portanto, também a música – contribui para construir a consciência do homem. (apud Soares, 2003:5)

Para Barreto (1973), no canto em conjunto a música provoca uma reação emotiva, contribuindo para o desenvolvimento físico, intelectual e moral de quem dele participa e despertando a sensibilidade, o raciocínio e a inteligência. (p.59). A autora ressalta que na realização do canto, “não há apenas a voz que entoa e, sim, todo um organismo que vibra: é o coração, a inteligência e o raciocínio que colaboram numa síntese de emoções e pensamentos.” (p.140)

Morelembaum (1999) também salienta que a experiência de um coral “é um fator altamente positivo, com efeitos que se refletem no dia-a-dia dos seus participantes”; diz ainda que essa experiência “é um

veículo natural para o desenvolvimento dos vários aspectos da musicalidade, sociabilidade, criatividade e também atua de forma muito eficaz na saúde do indivíduo” (p.28), já que, entre outros benefícios, possibilita que as pessoas “descubram como funcionam as partes do seu corpo que envolve o canto”. (p.12) Continua dizendo que o coral é um agente transformador eficaz, “pois o ato de cantar artisticamente, em conjunto, estabelece maior contato das pessoas com a sua sensibilidade e emoção”. (p.30)

Conde (apud Morelembaum, 1999:30) confirma a importância do canto em conjunto por ser uma “atividade que gera prazer e alegria” e que pode “resgatar o lado lúdico do indivíduo”. Diz ainda que

a música tem o poder de despertar uma série de sentimentos, emoções e paixões no ser humano. Ela interfere diretamente na dimensão emocional do coralista, fazendo-o se conhecer melhor, ficar mais confiante e perder o medo de se expor [...] (apud Morelembaum, 1999:31)

Dentre os objetivos de Paynter para a educação musical, está o despertar da sensibilidade e da imaginação auditivas e também a “educação do sentimento” ou despertar da “mente do artista” que existe em cada indivíduo. (apud Morelembaum, 1999: 38)

É interessante observar que também esses aspectos foram citados pelos entrevistados, sobre importância e benefícios que traz um coral:

Relaxamento, vou tentar explicar. Através da música você pode se desligar do mundo, dos problemas, tendo um momento em que você não pensa em outra coisa, somente naquilo que você está fazendo.

A música é uma forma de expressão muito poderosa.

[Você aprende a] trabalhar a timidez.

Cantar em coro [...] é um meio de aproximar o espaço psicológico entre as pessoas [...] enfim, partilhar o privado, o mais íntimo. Ao mesmo tempo, através do fazer junto, chegamos a conhecer áreas tão íntimas em nós mesmos.

[participar do coral] é importante porque desperta esse interesse pela música [...] a música ajuda o indivíduo a aliviar a alma, a traduzir sentimentos que muitas vezes não cabem nas palavras, a lapidar

determinadas áreas do ser que só podem ser desenvolvidas através dela – da música.

[participar de um coral atualmente] Porque aprendi que é bom [...] além de ser muito prazeroso. A música desperta um sentimento muito bonito dentro de nós. Acho que traz alegria e dependendo do tipo de música, muita paz.

[os benefícios] a idéia da importância de cada um para a construção de uma obra musical, a junção de timbres diferentes que embeleza o todo.

[os benefícios] também o emocional (é tão prazeroso que não deixa de ser uma terapia).

7. Considerações finais

A proposta inicial, através dessa monografia, era identificar algumas marcas positivas naqueles que participam de um coro na sua fase de infância – especificamente nos participantes do coro da IPRJ - a partir do ponto de vista desses ex-integrantes, buscando bases teóricas para algumas conclusões. A pesquisa constatou a presença desses benefícios nos âmbitos cultural, social, educacional e religioso.

A partir dos depoimentos dados pelos ex-integrantes do coro infantil da IPRJ nas entrevistas, percebe-se pelas impressões pessoais ali escritas, que a experiência vivida na infância por cada um deixou marcas que persistem até hoje. Nesse sentido, todos conseguem avaliar e constatar quais são essas marcas, que benefícios elas trouxeram e qual a importância deles para cada um, individualmente.

Dessa forma, são capazes de abordar aspectos que se referem:

- À contextualização da experiência coral no ambiente em que a vivenciaram – a igreja;
- Ao desenvolvimento musical proporcionado por essa experiência;
- Aos laços afetivos que formaram;
- À noção de trabalho em equipe adquirida;
- À consciência do fator socializador e disciplinador;

- Ao senso comum de que o fazer musical – inclusive o do coro infantil na comunidade religiosa, é capaz de despertar emoções e funcionar como terapia.

Temos que pensar que os benefícios do coral não são apenas válidos para a fase da infância, mas também para aqueles que começam na fase adulta, embora seja indiscutível que na fase da infância a aprendizagem, em qualquer área do conhecimento, seja muito mais facilmente absorvida.

É importante ressaltar, ao mesmo tempo, que todos estes aspectos relacionados pelas pessoas nas entrevistas podem não ser exclusivos da sua vivência musical no coro infantil, mas também estar ligados e influenciados pelo contexto musical vivido individualmente por cada participante fora dessa atividade específica.

Entretanto, é preciso lembrar que o papel da música, seja na igreja ou fora dela, na atividade do coro, numa aula de instrumento ou numa atividade lúdica que desperte o lado musical do indivíduo ou dele se utilize, é tão importante quanto qualquer outra atividade que trabalhe os aspectos abordados.

A música desenvolve no indivíduo percepções específicas, próprias da música, mas também atinge o raciocínio geral, a inteligência, abre a ele novas perspectivas, contribui para a sua consciência de cidadania, aumenta seus conhecimentos gerais e culturais, desenvolve aspectos sociais importantes, relacionamentos humanos, disciplina, postura, criatividade e autoconhecimento, entre outros. Mas isto não é exclusividade da música, o teatro também traz vários desses benefícios, assim como o esporte, entre outras atividades que poderiam ser citadas.

Temos que manter distanciamento razoável da concepção romântica e salvadora da música e uma consciência maior do seu real papel na vida do indivíduo, pois não há um privilégio de valores de elementos na música, não se trata tanto da expressão de sentimentos, mas de benefícios reais que a música traz.

8. Bibliografia

ALALEONA, Domingos. *História da música desde a antigüidade até nossos dias*. São Paulo: Edições Ricord.

BARRETO, Ceição de Barros. *Canto coral: organização e técnica de coro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

BENNETT, Roy. *Uma breve história da música*. Trad. Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1986.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada*. Versão moderna. Tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BOLETIM Dominical da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro – ano 1972 e 1973.

CAMPELO, Regina Célia Lopes. *O coro como fator musicalizador na Igreja Presbiteriana do Brasil*. 1999. Dissertação (Mestrado em Música e Educação) Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro.

CARPEAUX, Otto Maria. *O livro de ouro da história da música*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CHEVITARESE, Maria Jose. *A questão da afinação no coro infantil discutida a partir do Guia Prático de Villa-Lobos e das 20 Rondas Infantis de Edino Krieger*. 1996. Dissertação (Mestrado em Música Brasileira) – UNIRIO.

COSTA, Márcia Victorio de Araújo. *Música religiosa: som de memória ou memória do som – um estudo das relações entre educação, religião e música na Igreja Presbiteriana do Brasil, no Presbitério do Rio de Janeiro*. 1994. Dissertação (Mestrado em Música e Educação) Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro.

ELLMERICH, Luis. *História da música*. São Paulo: Editora Fermata do Brasil, 1977.

ENCICLOPEDIA MIRADOR INTERNACIONAL. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. São Paulo: Cia Melhoramentos de São Paulo, 1995. Volume 6.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, INC. University of Chicago. William Benton, Publisher, 1964. Volume 5.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

GROUT, Donald J. & PALISCA, Claude V. *História da música ocidental*. Trad. Ana Luisa Faria. Lisboa: Gradiva Publicações, 1994.

HORNBY, A. S. & PARNWELL, E. C. *Yázigí dictionary for high schools*. 2nd edition. Oxford: Oxford University Press, 1973.

HOWARD, Walter. *A música e a criança*. Trad. Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: Summus, 1984.

MASSIN, Jean. *História da música ocidental*. Trad. Maria Teresa Resende Costa e outros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MATOS, Alderi Souza de. *História do presbiterianismo*. In IPB Home Page. Disponível em <http://www.ipb.org.br/quem_somos/historia.php3> Acesso em 18 set.2006.

MORELEMBAUM, Eduardo. *Coral de empresa: um valioso componente para o projeto de qualidade total*. 1999. Dissertação (Mestrado em Musicologia) – Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro.

MORENO, Juliana Kiyomura. *Na voz das crianças, a cidade vibra. Afinada e imponente*. In Jornal da USP Home Page. Disponível em <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2001/jusp563/caderno/especial.html>> Acesso em 23 nov.2006.

REAM, Alberto W. *Um estudo sobre a voz infantil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1973.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. Trad. Marisa Trenc de O. Fonterrada e outros. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SILVA SOBRINHO, Paulo Martins. *O outro lado da música sacra: sua relação com elementos seculares*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro.

SOARES, Gina Denise Barreto. *Coro infantil: educação musical e ecologia social a partir das idéias de Koellreutter e Guattari*. 2003. Dissertação (Mestrado em Música e Educação) – Universidade do Rio de Janeiro.

WANDERLEY, Rui Carlos Bizarro. *História da música sacra*. 2ª edição. São Paulo: Redijo, 1977.

9. Anexos

9.1 Entrevistas

As entrevistas continham 12 perguntas, foram distribuídas aleatoriamente, mandadas via internet, conforme a facilidade de acesso aos ex-integrantes do coro infantil da IPRJ. Foi distribuído um total de 13 entrevistas e todas foram respondidas e devolvidas.

9.1.1 As perguntas da entrevista

Dados para identificação: Nome, endereço e telefone.

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ?
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época?
3. Qual sua idade na época que começou a participar?
4. Por quanto tempo você participou do coral?
5. Por que você ia cantar no coral?
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam?
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê?
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro?
9. Você atualmente participa de algum coral? Se a resposta é sim, qual e aonde?
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê?
11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?)
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?)

9.1.2 Os entrevistados e suas respostas

As entrevistas serão anexadas aqui na versão integral e por ordem alfabética dos nomes dos entrevistados.

• Entrevista 1

Dados para identificação: Nome/end/telefone

Alzira Bazeth / Praça Havaí, No 01 - 806 - Meier / 32731826

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Marcia Pinto / Cristina Gláucia
3. Qual sua idade na época que começou a participar? 9 anos
4. Por quanto tempo você participou do coral? 2
5. Por que você ia cantar no coral? Porque era uma atividade da minha igreja que eu gostava e meus amigos também participavam.
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Espontaneamente. Meu pai me levava a igreja.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Sim, porque era uma forma de participar da igreja, e meus pais também gostavam.
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Não.
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Não.
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? Não.
11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) É uma forma de adorar a Deus e estimula o gosto musical.
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Acredito que não há um benefício específico tecnicamente falando a não ser estar junto com os meus amigos adorando a Deus.

• Entrevista 2

Dados para identificação:

Nome: Ana Lucia Alcântara de Almeida.

Endereço: Estrada da Paciência nº 2939, bl. 11 aptº 101 bairro: Maria Paula - São Gonçalo- RJ Telefone: 27294821

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim
2. Quem era regente do coral na época? As regentes eram a Cleida Galindo e Ondina .
3. Qual sua idade na época que começou a participar? Eu tinha aproximadamente oito para nove anos.
4. Por quanto tempo você participou do coral? Não me lembro ao certo, mas acho que foram uns três ou quatro anos.
5. Por que você ia cantar no coral? Porque sempre gostei de cantar e gostava de me juntar com amigos da minha idade para cantarmos músicas feitas especialmente pra nós. Era muito legal.
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Eu ia aos ensaios espontaneamente, mas quem me levava eram meus pais, já que os ensaios eram domingo, durante o culto da manhã.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Para mim foi fundamental, pois aprendi desde bem cedo a cantar, desenvolvi a habilidade de ouvir uma voz e cantar outra e principalmente, foi a partir daí que comecei a me interessar a estudar música e não parei mais. .
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Quando criança não, mas depois, na adolescência participei do Coral da Mocidade da 1ª Igreja Presbiteriana de Niterói, sob a regência de Marília Peçanha.
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Hoje participo sim do Coral da Comunidade Evangélica Novo Viver, mas não mais como corista e sim como regente.

10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? Tenho certeza que sim, pois como já disse, foi a partir dos ensaios do coral infantil que eu comecei a me interessar mais em aprender e, quanto mais eu aprendia, mais gostava e queria aprender mais e mais. Com certeza o coral infantil foi o meu grande ponta pé musical.

11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) Para mim, todos deveriam participar dessa experiência fantástica que é cantar em um coral, principalmente o infantil, pois quanto mais cedo se aprende a respirar corretamente, a emitir o som adequadamente, a ouvir e reproduzir sons diferentes, mais fácil se torna cantar. Além disso, ainda aprendemos a ter disciplina, horário, responsabilidade e trabalhar em equipe ajudando e sendo ajudados mutuamente.

12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Acho que já respondi a essa questão na resposta anterior, mas posso enfatizar mais a minha opinião dizendo que fazer parte de um coral só trás benefícios, quer sejam técnicos (aprende-se a cantar melhor), físicos (trabalha a respiração e a postura), sociais (desenvolve relacionamentos e o trabalho em equipe) como também o emocional (é tão prazeroso que não deixa de ser uma terapia).

• Entrevista 3

Dados para identificação: Nome/end/telefone

Nome: Ana Lucia Paredes Pina Caldas

End.: Rua Barão de Itapagipe, nº385/ bl2/ apt 1009 - Tijuca

Tel.: 2565-7151

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Cleida Gallindo

3. Qual sua idade na época que começou a participar? Entre 06 e 12 anos (mais ou menos), não me lembro bem a idade ao certo.
4. Por quanto tempo você participou do coral? Não sei dizer ao certo, mas foram alguns anos.
5. Por que você ia cantar no coral? Porque gostava.
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Ia espontaneamente.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Sim. Porque penso que é importante esse primeiro contato com a música e, além disso, serviu para um maior entrosamento na igreja.
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Não.
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Não.
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? Não. Porque não participo de nenhum coral hoje em dia, simplesmente por pura preguiça de ir a ensaios com regularidade. Por isso participo ocasionalmente de corais que acontecem em datas específicas.
11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) Se relacionar com outras pessoas, distrair.
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Relaxamento, vou explicar melhor. Através da música você pode se desligar do mundo, dos problemas, tendo um momento em que você não pensa em outra coisa, somente naquilo que você está fazendo. (dependendo do regente, né?)

• Entrevista 4

Dados para identificação:

Nome/end/telefone

André Luiz Gomes Figueiredo Bezerra

Rua Barão de Itambi, 61/405 - Botafogo

Tel. 2553-3856

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ?

Sim

2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época?

Márcia Pinto - pequenos cantores e Cristina Tinoco - perfeito louvor

3. Qual sua idade na época que começou a participar?

7 anos

4. Por quanto tempo você participou do coral?

4 anos

5. Por que você ia cantar no coral?

Por gostar de cantar e por ser mais uma atividade dentro da igreja.

6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam?

Ia espontaneamente

7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê?

Sim, pelo espaço para minha socialização junto às outras crianças da igreja e pelo desenvolvimento musical proporcionado.

8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro?

Não

9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde?

Não

10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê?

Atualmente não participo por indisponibilidade de horário, mas

sem dúvida o hábito de cantar no coral quando criança faz falta. Pelo convívio com amigos e prazer de cantar em conjunto.

11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?)

Acredito que participar de um coral contribui para o desenvolvimento de conceitos e habilidades musicais além de ajudar no processo de socialização e desenvolvimento de espírito de equipe através da busca de equilíbrio entre os naipes.

12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?)

Acho que respondi na outra (rs)

• Entrevista 5

Dados para identificação: Nome/end/telefone

Claudia Cruz Soares da Silva

Rua Uruguai, 318/601 Tijuca

2268-4680

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? SIM
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Cleida Gallindo
3. Qual sua idade na época que começou a participar? Talvez uns 4 ou 5 anos.
4. Por quanto tempo você participou do coral? Até a idade limite, acho que uns 12 ou 13 anos.
5. Por que você ia cantar no coral? Por que tinha lanche no final.
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Ia porque todo mundo ia, mas eu gostava.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? SIM Por quê? Através dos ensaios, criei laços de amizade que duram até hoje e pude conhecer como é cantar em um coro.

8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Orfeão da escola pública que estudava.
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim. Se a resposta é sim, qual e aonde? Coral do ECCC da IPRJ.
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? SIM. Por quê? Porque aprendi que é bom, crio novos laços de amizade além de ser muito prazeroso.
11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? Acho que sim. Não sou muito ligada à música, mas acho importante despertar novos interesses na criança. A música desperta um sentimento muito bonito dentro de nós.
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Acho que traz alegria e dependendo do tipo de música, muita paz. O convívio durante os ensaios também é muito bom.

• Entrevista 6

- Dados para identificação: Nome/end/telefone –

Marcos André Lessa

Campo de São Cristóvão, 374/103 - S. Cristóvão - Rio de Janeiro - RJ

CEP: 20921-440

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? SIM
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Tia Márcia (mãe da Carol)
3. Qual sua idade na época que começou a participar? 6 anos
4. Por quanto tempo você participou do coral? Até entrar na UPA, aos 12 anos.
5. Por que você ia cantar no coral? Fazia parte da EBD

6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Era a minha classe (o "cultinho"). Minha mãe me levava à igreja e era lá o meu lugar, com os meus amigos.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Pra mim foi uma classe da EBD como outra qualquer. Mas era maneiro cantar na frente da igreja cheia com minha mãe me vendo.
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? NÃO, nunca me interessei.
9. Você atualmente participa de algum coral? NÃO
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? No meu caso não, porque eu nunca me interessei em participar de coral. Nada contra, mas a medida que fui amadurecendo vi que não era a minha "praia", não era um lugar que eu tinha disposição para estar. Se tentei alguma vez, foi pra confirmar se era isso mesmo ou algum preconceito meu. Mas não era não. Não gosto de participar de corais.
11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) A importância tem a ver com a tua disposição. Não adianta participar se você não tem disposição para ensaiar, ter paciência para repetir músicas e esperar outros que não têm o mesmo ritmo que você (ou vice-versa) e saber que você faz parte de um grupo que tem que funcionar como um grupo em que cada um faz a sua parte/sua voz. Aliás, o Coral é um elemento símbolo do que deveria ser nossa comunhão na igreja, do que I Coríntios 12 fala: cada um na sua, respeitando o outro, valorizando a importância do outro, em nome do todo. Porque a galera (leiga principalmente) ouve o coral, e não um ou outro (a não ser em solos).
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Benefícios de qualidade vocal e de ouvido. Conhecer divisão de vozes e tons, ainda q não sejamos músicos ou

cantores, nos dá novo aprendizado para fruir da música, depura nosso senso crítico para isso. Por mais q não tenha feito parte de coral, fui do louvor e tive contato com essas questões. E, se estivemos dispostos, aprendemos a trabalhar com pessoas em grupo, como disse acima.

• Entrevista 7

Dados para identificação: Nome/end/telefone

RODRIGO CARDOSO AFFONSO

Rua Pompeu Loureiro, 32/508 B - Copacabana tel.: 2255-7033

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? SIM
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Márcia
3. Qual sua idade na época que começou a participar? 6-7 anos de idade
4. Por quanto tempo você participou do coral? 3 ou 4 anos
5. Por que você ia cantar no coral? Era parte das atividades da escola dominical
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Não era forçado, meus amigos iam.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Sim. Fui estimulado musicalmente (tive aulas de flauta doce como desdobramento da atividade realizada pela regente com as crianças do coral; bem como pude fazer solos na igreja); fui estimulado a participar dos cultos, ver a igreja como um local familiar onde se podia colaborar.
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Sim. Participei de coral na escola Sá Pereira durante o Ensino Fundamental.
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim. Se a resposta é sim, qual e aonde? Sou regente coral. Trabalho com um coral profissional, o

Conjunto Vocal Mosaico, reço corais em igrejas e empresas e sou professor de canto coral no Curso de Música Sacra do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, onde reço o coral de alunos.

10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Não. Por quê? A relação estabelecida com a música ou com o próprio ato de cantar no coral infantil era como ter aula de teatro na escola: não me levou a ser ator... Era agradável, mas pontual.

11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?)

12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Cantar em coro é incursionar por diversas culturas através do repertório; é um meio de aproximar o espaço psicológico entre as pessoas: sentir junto, criar junto, dividir idéias musicais, enfim, partilhar o privado, o mais íntimo. Ao mesmo tempo, através do fazer junto, chegamos a conhecer áreas tão íntimas em nós mesmos... Creio que cantar em coro é um convite a ouvir o outro, perceber e respeitar diferenças e ainda assim, ser capaz de caminhar e criar junto. Em tempos de intolerância e indiferença, cantar em coro é um desafio e uma resposta.

• Entrevista 8

• Dados para identificação:

Rodrigo Miranda Lamblet Fajardo

Rua Artur Possolo 85 / 301 - Tel.: 3326-2645

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Tia Márcia
3. Qual sua idade na época que começou a participar? 3 anos
4. Por quanto tempo você participou do coral? Até os 12 anos de idade
5. Por que você ia cantar no coral? Porque eu gostava de cantar e participar do coral

6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Eu ia espontaneamente.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Com certeza, além de incentivar as crianças a irem a igreja, você acaba levando junto os pais que adoram ver seu filho cantando.
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Não
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Não
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê?
11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) Acho que a grande importância especialmente para crianças é o desenvolvimento do lado musical de cada indivíduo.
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Além do que citei acima o coral ensina disciplina (ensaio, horários), controle (não cantar berrando) e unidade (o som ouvido é do coral e não a minha voz).

• Entrevista 9

Dados para identificação: Nome/end/telefone

Rodrigo Simões Câmara Leão

Rua Fábio da Luz, 301-apt. 304-A / tel. 3271-1003

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim.
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Márcia Pinto
3. Qual sua idade na época que começou a participar? Cerca de 8/9 anos

4. Por quanto tempo você participou do coral? Uns 3/4 anos
5. Por que você ia cantar no coral? Porque todas as crianças da época cantavam... E eu gostava (e ainda gosto) de música.
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Ia espontaneamente, mas influenciado também pelos amigos.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Sim, porque aguçou ainda mais o meu gosto pela música e pelo louvor na igreja.
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Não.
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Não.
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? Não, porque não participo.
11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) Sim, é importante porque a música, além de desenvolver uma nova habilidade, é uma forma de expressão muito poderosa.
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Meio respondida na pergunta acima. Além daquelas, ajuda na socialização do indivíduo.

• Entrevista 10

Dados para identificação: Nome/end/telefone

Samuel Cunha

R. Paissandu, 186 / 805 – Flamengo

22650712 / 93888918

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Tia Márcia

3. Qual sua idade na época em que começou a participar? Acho que uns 4 anos....

4. Por quanto tempo você participou do coral? Até a UPA uns 12 anos....

5. Por que você ia cantar no coral? Porque não era opcional. Todas as crianças que estavam na igreja participavam, por default, do coral.

6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Todas as respostas acima. Não curti muito cantar no coral. Participava porque tínhamos que participar. Uma vez lá com todos os amigos no mesmo barco a gente acabava que se divertia....

7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Depois de grande, acho que foi interessante a experiência.

8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Sim. Coral de Natal da Escola.

9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Não.

10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? Sim. Tive certeza de que cantar em coral não era a minha praia.

11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) É importante participar das atividades de grupo da Igreja, pode ser coral, teatrinho, ou qualquer outra atividade de grupo. O coral especificamente é interessante porque a preparação para apresentação me parece mais viável.

12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Me trouxe alguns. Disciplina (num estilo meio milico) já que fui expulso algumas vezes do ensaio... Mas, assim como outras atividades parecidas da igreja, ensina conceitos como: trabalho em equipe, importância da preparação, etc.

• Entrevista 11

Dados para identificação: Nome/end/telefone

Sibele Dias de Aquino

Tel.: 22525646

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Ih! Num lembro... acho que era a tia Marcia, mãe da Carol.
3. Qual sua idade na época que começou a participar? 9 anos
4. Por quanto tempo você participou do coral? Poxa, até ficar adolescente metida à besta achando que ia pagar mico: uns 12 anos.
5. Por que você ia cantar no coral? Porque eu participava da Escola Dominical...
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Eu ia porque todos que participavam de manhã eram automaticamente incluídos no coral, mas nunca me senti "forçada."
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Sim! Acho que a musicalização na minha infância foi fundamental em vários aspectos: desenvolver aptidões e talentos, trabalhar timidez e convivência em grupo.
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Só da outra igreja, IP Areias em Recife.... antes de me mudar pro Rio!
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Sim. Coral Julio de Oliveira, Catedral Presbiteriana, centro do Rio.
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? Em parte... Talvez... A cultura musical na igreja protestante é muito vasta e presente. O coral infantil fez parte

dessa minha "formação" me fazendo "apta" para essa área... Não sei se influenciou diretamente a participar, mas certamente teve um papel importante no desenvolvimento musical...

11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) Cara, num entendo nada de música. Mas acho que o coral ensina a gente a cantar. Principalmente porque ensina a ouvir! É ouvindo o piano que você 'pega' sua nota, percebe o acorde como um todo e entende as outras vozes e onde cada um se encaixa... É ouvindo o colega que você timbra a sua voz, tentando fazer com os outros uma única voz... Além disso, como em todo grupo, trabalhamos sem perceber algumas regras de convivência, ajudando os tímidos e os extrovertidos a serem "um só", sem precisar se esconder (no caso do primeiro) nem aparecer demais (no caso do último).
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Putz. Eu disse o q eu acho na pergunta anterior, tá?

• Entrevista 12

- Dados para identificação:

Nome/end/telefone

Thais Araújo de Freitas Carvalho Leitão

Rua Des. Luiz Guimarães, 70 bl 2 apto 204 - Barra da Tijuca / RJ

tel.: 2490-8894

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Márcia Pinto (acho que foi só ela durante o período em que participei)
3. Qual sua idade na época que começou a participar? Seis anos
4. Por quanto tempo você participou do coral? Acho que por uns cinco anos.

5. Por que você ia cantar no coral? Fazia parte da programação da igreja para as crianças. Nós participávamos do cultinho infantil, depois do ensaio do coral e depois da escola dominical.
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? Na época acho que não questionava isso, participava porque era a hora do coral. Mas eu gostava muito, lembro que amava aprender novos cânticos, ficava "ensaiando" em casa, no chuveiro (é verdade...). Também gostava muito das datas especiais, como Dia das Mães, Natal, Dia dos Pais, porque tínhamos que ensaiar com um objetivo, para cantar no templo naquela comemoração.
7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? Tenho certeza de que foi importante. Acho que me ajudou a ter algum tipo de conhecimento musical, de ritmo etc. Acho que despertou tb um gosto extra pela música, o que contribui para concentração, para disposição entre outros.
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Não havia coral no meu colégio, mas lembro que nas aulas de música eu sempre usava coisas que havia aprendido na igreja e tinha algum destaque nessas aulas por conta disso.
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Particpei do Coral Júlio de Oliveira, da IPRJ, de 1994 até 2004. Saí depois que a Duda - minha filha - nasceu. Mas assim que ela for para a escolinha tenho vontade de voltar.
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? Sim, porque ali tive o despertar para o gosto pela música. Me faz bem cantar em grupo, aprender a voz do meu naipe e depois ver todo o conjunto funcionar, cada qual com sua particularidade. E tudo isso acho que começou naqueles ensaios, quando ainda era criança.

11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) Acho muito importante, primeiro porque desperta esse interesse pela música que por si só já seria um benefício imenso. A música ajuda o indivíduo a aliviar a alma, a traduzir sentimentos que muitas vezes não cabem nas palavras, a lapidar determinadas áreas do ser que só podem ser desenvolvidas através dela - da música. Além disso, o canto coral é capaz de trazer esse sentimento de equipe, de indivíduos que tem um papel, que precisam fazer sua parte bem feita para que o conjunto seja bom - ainda que não se identifique exatamente que som sai de que boca. E esses aprendizados são para toda a vida.
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) Ih, acho que respondo junto com a de cima....

• Entrevista 13

Dados para identificação: Nome/end/telefone

Walter José Gomes de Barros Santos

Rua Visconde do Cruzeiro, 150/603

tel. 21-2285-2553

1. Você cantou no coral infantil da IPRJ? Sim
2. Quem era(m) o/a(s) regente do coral na época? Cleida Gallindo e Ana
3. Qual sua idade na época que começou a participar? 8 anos
4. Por quanto tempo você participou do coral? 8 até os 11 anos / 15 até hoje
5. Por que você ia cantar no coral? Era uma das atividades para as crianças
6. Você ia espontaneamente; era levado/forçado por alguém (professora da EBD, mãe, pastor, diácono) ou ia porque seus amigos iam? A maioria das crianças participava e incentivo dos pais

7. Você acha que foi importante ter participado do coral infantil da IPRJ quando criança? Por quê? No coral você desenvolve relacionamentos e a idéia de grupo
8. Além desse coral, você participou de outros corais quando criança - coral de escola/colégio ou outro? Participava do Coral Curumins, da associação de canto coral.
9. Você atualmente participa de algum coral? Sim/não. Se a resposta é sim, qual e aonde? Sim. Coral da empresa aonde trabalho.
10. Você acha que o fato de você ter participado de um coral quando criança influenciou você participar/não participar de um coral hoje em dia? Por quê? Sim. Cria-se o hábito do canto coral, de ser participante de um todo.
11. Em sua opinião, qual a importância de se participar de um coral? (É importante participar de coral?) Acho importante a noção de grupo, a importância da voz de cada participante para dar o som do coral. Todos contribuem para o grupo.
12. Que tipo de benefício o coral traz para o indivíduo? (Aliás, o coral traz benefícios?) A idéia da importância de cada um para a construção de uma obra musical, a junção de timbre diferentes que embelezam o todo.

9.2 Fotos











